

apresentação

A proposta do dossiê “Formas da dramaturgia moderna e contemporânea” foi abrir espaço de discussão sobre o texto para teatro no campo dos estudos literários, espaço no qual os estudos teatrais transitam com certa marginalidade no Brasil. O conjunto dos artigos reunidos aqui, logo dá a ver como no século XX e XXI o texto dramatúrgico apresenta configurações significativamente diversas, projetando e dialogando com estruturas cênicas bem diferentes. Ao mesmo tempo, as peças estudadas apontam para modos de interação social do teatro singulares e oscilantes, e que respondem aos avanços e refluxos da política no mundo moderno e contemporâneo.

Rodrigo Ielpo analisa a poética cênica de Simone Schwarz-Bart em *Ton beau capitaine*, escrita e encenada em 1987. A comunicação entre Wilnor, imigrante em Guadalupe, e sua mulher Marie-Angé, no Haiti, se dá por meio de mensagens em fitas-cassetes, o que faz com que o próprio dispositivo se constitua como um personagem. A música e a dança são elementos constitutivos da dramaturgia cênica e acionam um imaginário popular afetivo que liga, segundo Ielpo, a intimidade de um casal ao “destino” de milhares de exilados.

Questões relacionadas ao imaginário popular também estão presentes em *Los pueblos te llaman Nahuelpan Presidente*, de Roberto Cayuqueo. Carla Dameane Pereira de Souza evidencia os aspectos linguísticos e as contradições que o texto de Roberto Cayuqueo apresenta ao eleger como tema a candidatura de um descendente mapuche que, no entanto, busca todos os recursos para “garantir a isonomia no uso das palavras”. Questionado em sua “identidade”, a construção dramatúrgica põe em relevo tensões político-estéticas no encontro entre as demandas contemporâneas e as tentativas de domínio e apagamento dos povos originários.

Já Sara Rojo e Jéssica Ribas valem-se da perspectiva da identidade de gênero e feminista para (re)ler a obra de importantes autores chilenos, Guillermo Calderón e Roberto Bolaño, à luz de suas transposições para o cinema e para a cena teatral.

A peça *A mancha roxa*, de Plínio Marcos, é analisada por Rainério dos Santos Lima destacando aspectos estruturais, como o conjunto antitético voz coral/isolamento das personagens. O texto tem como protagonistas mulheres encarceradas em meio à epidemia de AIDS. O autor do artigo mostra como o andamento da trama reflete as engrenagens desumanizadoras do sistema prisional, com suas várias camadas de aniquilamento e repressão.

Sergio Nunes Melo propõe um reenquadramento do teatro de Genet fora do rótulo de “teatro do absurdo”, revelando a “identidade performativa” do autor a partir das afinidades com Nietzsche, e apresentando o niilismo como um princípio a ser posto em cena, nomeadamente em *O balcão*.

Rafael Campos Oliven mostra como em *Godot*, *Dias felizes* e *Fim de partida*, de Beckett, num mundo em que, segundo Adorno, já não é possível nem riso nem choro, cada personagem usa a fala apenas para poder ver e ser vista pelo outro, e, sobretudo, por si mesma.

O debate teórico-crítico proposto por Alexandre Villibor Flory em “O teatro na República de Weimar: tradução e apontamentos sobre *Hoppla, estamos vivos!*, de Ernst Toller”, finaliza o dossiê e apresenta aos leitores a tradução do prólogo e parte do primeiro ato da peça de Toller encenada por Piscator em 1927. O contexto político-ideológico comparece como “princípio constitutivo da peça”, e *Hoppla, estamos vivos!*, segundo Flory, flagra as contradições do período conhecido como “anos dourados” da República de Weimar. O estudo de Flory, bem como o projeto de tradução da peça, já se apresenta como referência para as pesquisas em dramaturgia épico-dialética de um dos autores centrais do expressionismo alemão.

Os artigos reunidos no dossiê “Formas da dramaturgia moderna e contemporânea” demonstram a força da dramaturgia e da cena contemporânea, em territórios e línguas diversas. A figuração e articulação de identidades excluídas (mulheres, indígenas, trabalhadores, migrantes) tensionam a posição do sujeito do “drama da época moderna” e, assim, a dança, a música, os fragmentos, funcionam como soluções epicizantes que deixam ver os limites da forma do drama, como apontou Peter Szondi.

De acordo com os interesses estéticos e políticos, a literatura para o palco, a cena, há muito tempo não se faz a partir de regras, e busca refazer uma experiência a partir de uma complexa rede de sentidos. É manifesto, no entanto, o modesto alcance político das experimentações teatrais. A análise formal das dramaturgias em foco parece subordinada à análise dos temas e assuntos, como se o conhecimento das formas não fosse suficiente, nem indispensável, para entender as próprias dramaturgias, e ainda a relação que têm com os mundos político e filosófico. Algo similar se poderia dizer das dramaturgias mais recentes, que também se debruçam sobre as formas da conduta humana tal como Genet e Beckett se debruçaram, isto é, ainda tendo como matéria-prima cênica as formas da ação política e/ou dos gestos íntimos, mas subordinada a – e não em articulação com – temas e assuntos, como se o fim das ditas dramaturgias não fosse a experiência teatral, mas a discussão política e filosófica. As análises aqui recolhidas testemunham os bloqueios à organização da cultura, e em consequência, do teatro, quando esse se faz em bases já arruinadas.

Este número da *Revista Aletria* também apresenta dois trabalhos que integram a seção Varia.

Elisa Amorim Vieira, em seu artigo “Em torno da *Natureza das coisas* e das imagens: um leitura das fotografias de Pedro Motta à luz do poema de Lucrécio”, faz uma reflexão sobre as representações da natureza presentes no fotolivro *Natureza das coisas*, de Pedro Motta, a partir da leitura do poema “Sobre a natureza das coisas = De rerum natura”, de Tito Lucrécio, evidenciando que o poeta romano constrói sua descrição da natureza das coisas, por meio de um tratado filosófico-científico de base epicurista, persegue tanto o tema da verdade quanto a forma como ele deve ser expressado. Por sua vez, as seis séries fotográficas analisadas, presentes no fotolivro de Motta, revelam um jogo ambíguo entre realidade e ficção, fundamental para inserir essas obras na estética contemporânea, ao mesmo tempo que demonstram a preocupação ética que permeia o trabalho do artista mineiro.

Priscila Rosa Martins e Renan Pavini Pereira da Cunha, por sua vez, a partir do trabalho “*O andarilho e A grande sombra*: caminhos soturnos em Nietzsche e Sá-Carneiro” discutem as obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e do escritor português Mário de Sá-Carneiro, em *O andarilho e sua sombra* e *A grande sombra*. Os autores observam que o ato de sair ao mundo pelos narradores-personagens é acompanhado pela projeção da sombra, forma do ser que o delimita e elemento de

transição do devir do sujeito. Para Martins e Cunha, em meio ao processo narrativo e à construção de aforismos, é possível estabelecer diálogo entre os textos dos dois autores.

Finalmente, com este último número referente ao ano de 2023 da *Aletria*, apresentamos ensaios representativos que discutem temas relacionados às artes teatrais e à teoria literária. Gostaríamos de agradecer às autoras e aos autores que enviaram seus artigos para a composição do dossiê e dos textos publicados na seção vária. Agradecemos o trabalho cuidadoso de todos os envolvidos para que nossa revista continue divulgando estudos de literatura e de teoria literária com qualidade, primor e diversidade temática, como vêm sendo publicados em cada novo volume disponibilizado para apreciação de nossos leitores e leitoras.

Boa leitura!

Os Organizadores e Editores,

Elen de Medeiros

Jorge Loureiro Figueira

Marcos Antônio Alexandre

Paulo Bio Toledo

Priscila Matsunaga